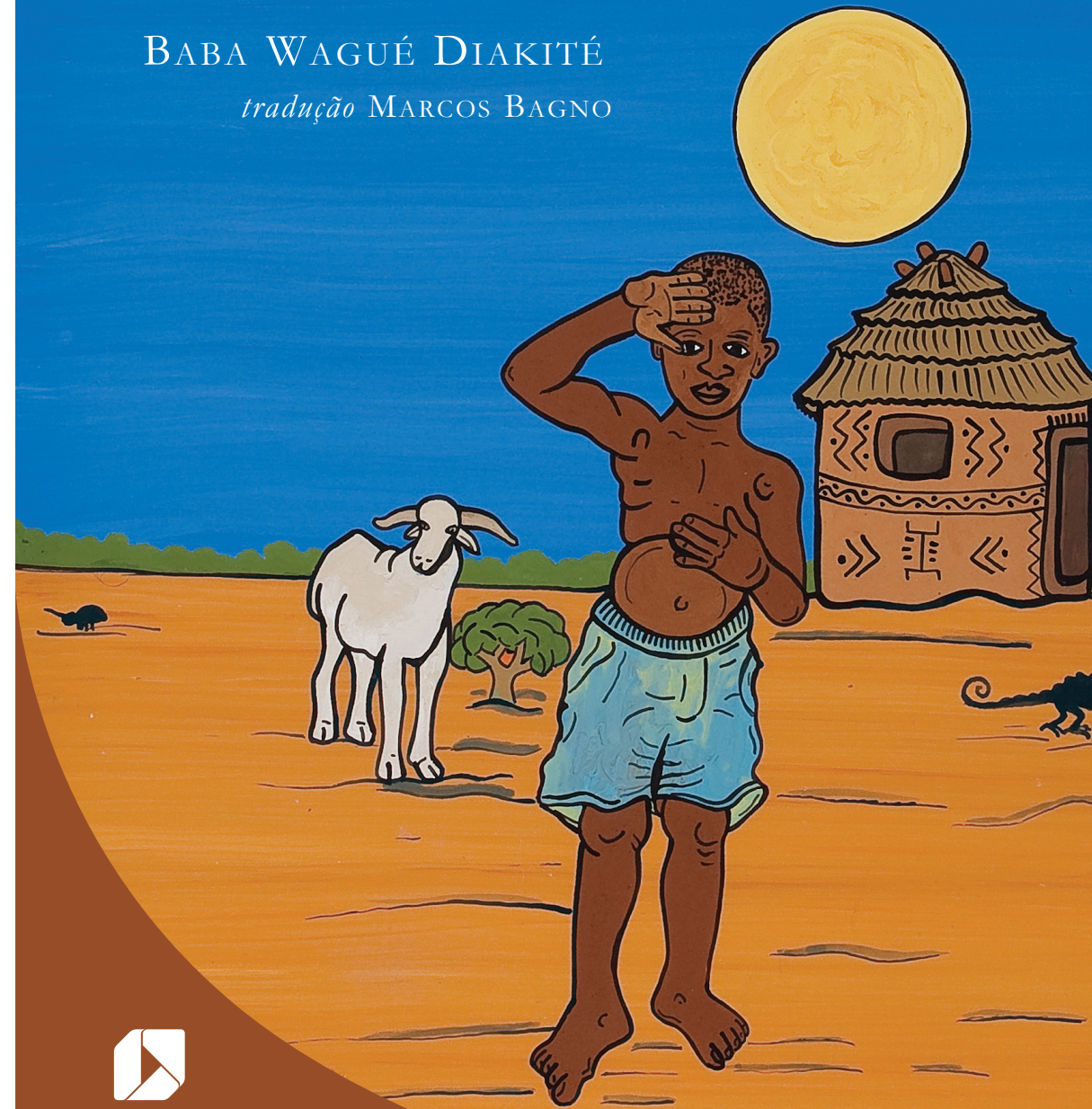


# O DOM DA INFÂNCIA

MEMÓRIAS DE UM GAROTO AFRICANO

BABA WAGUÉ DIAKITÉ

*tradução* MARCOS BAGNO



BABA WAGUÉ DIAKITÉ



O DOM DA INFÂNCIA



Ainda pequeno, Baba vai morar em Kassaro, minúscula aldeia no Mali, para ser criado pelos avós de acordo com a tradição familiar. Apesar de achar difícil no início, logo ele adere ao novo modo de vida.

Com as crianças descobre como escapar de um exército de abelhas-africanas, qual o verdadeiro sentido de “lavar as mãos de um menino” e por que caranguejos são mais teimosos que jumentos.

Com vovó Sabou, mentora e companheira, aprende a pescar com as próprias mãos e a olhar de outro jeito para cobras no celeiro!

Com ela também conhece o valor de histórias como a do agricultor que engana um gênio ou a do ferreiro que vence a morte.

Essas experiências, fundamentais na formação do artista e escritor Baba Wagué Diakité, são agora reunidas neste livro de memórias ilustrado – envolvente tributo aos povos, aos costumes e à cultura africanos.

145356

ISBN 978-85-7675-813-6



9 788576 758136



# O DOM DA INFÂNCIA



Título original *A Gift from Childhood: Memories of an African Boyhood*

© Baba Wagué Diakité (texto e ilustrações), 2010

Reimpresso com permissão de Greenwood Books, Canadá

Publicado originalmente no Canadá e nos Estados Unidos por Greenwood Books Ltd.

*Coordenação editorial e edição* Graziela R. S. Costa Pinto

*Redação do anexo e revisão técnica* Maria Cristina Cortez Wissenbach

*Preparação* Marcia Menin

*Revisão* Penelope Brito, Iuri Pereira e Carla Mello Moreira

*Edição de arte* Leonardo Carvalho

*Assistência de arte* Grandesign

*Produção industrial* Alexander Maeda

*Impressão* Completar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Diakité, Baba Wagué

O dom da infância : memórias de um garoto africano /

Baba Wagué Diakité ; tradução Marcos Bagno. -- São Paulo :

Edições SM, 2012.

Título original: A Gift from Childhood : Memories of  
an African Boyhood.

ISBN 978-85-7675-813-6

1. Diakité, Baba Wagué - Infância e juventude -  
Literatura juvenil 2. Mali (África) - Biografia -  
Literatura juvenil 3. Mali (África) - Vida social e  
Costumes - Literatura juvenil I. Título.

---

12-00816

CDD-813.54

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Autores africanos: Autobiografia 813.54

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição brasileira 2012

X impressão 2019

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111.7400

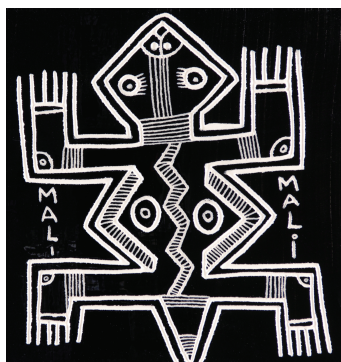
www.grupo-sm.com/br/

# O DOM DA INFÂNCIA

MEMÓRIAS DE UM GAROTO AFRICANO

BABA WAGUÉ DIAKITÉ

*tradução* MARCOS BAGNO







*Den be i ko bogo kènè.  
A mana dilan cogo min,  
a bè ja o cogo la.*

“A criança nada mais  
é que barro molhado.  
Seca da forma que é moldada.”

Este livro é dedicado aos anciãos de  
Kassaro que ajudaram a me formar.

Um agradecimento especial a  
Gloria Neuenschwander.





UM GAROTINHO, sentado no chão poeirento com uma tigela de mingau de milho entre as pernas, gritava a plenos pulmões:

– *Nay t'a fay! Nay t'aka sari fay!* Não gosto disso! Não gosto do seu mingau! Não tem açúcar. Não tem leite.

– Coma, Baba Wagué – dizia vovó Sabou com delicadeza.  
– É bom para você.

O menino esperneava, frenético.

– *Nay bay taa n'fa fey.* Quero voltar para meu *n'fa*... meu pai! Ele tem tudo!

Esse foi o início da vida de Baba na aldeia. Antes disso, tinha morado com os pais na cidade, onde havia grande variedade de comida.

Toda vez que Baba se comportava desse jeito, vovó Sabou levantava-se calmamente e ia descansar em sua cama de bambu, deixando o menino gritar até ficar exausto. Então, Baba encostava a testa no joelho direito e dormia por uma boa hora.

Quando acordava, tinha fome o bastante para comer a tigela inteira do mingau viscoso.

Vovó sorria e falava:

– O melhor momento para fazer alguma coisa é quando se está disposto a fazê-la. Baba, você fez um bom trabalho.

Essa era a rotina diária de Baba e sua avó. Era difícil, mas eles conseguiam dar o melhor de si. Por fim, o menino se acostumou à vida na aldeia e ficava alegre por ajudar a avó nas pequenas tarefas *compound*<sup>1</sup> afora.

---

<sup>1</sup> Conjunto de moradias cercadas por um muro em que vivem pessoas de uma mesma família extensa, ligadas a um antepassado comum. Esse modelo de complexo habitacional familiar era muito comum na África antes do período colonial e ainda se mantém nas aldeias africanas.





EU TINHA apenas quatro estações chuvosas de vida quando fui à aldeia pela primeira vez. Meus pais decidiram me enviar para lá, com meus dois irmãos mais velhos, para sermos criados por nossos avós paternos. Era assim que vinha sendo feito na família por muitas gerações.

Meus avós, no entanto, não tiveram esse privilégio nem essa ajuda. Seus dezesseis filhos nasceram durante a ocupação francesa da África Ocidental<sup>2</sup>. Foi uma época confusa, que desorganizou famílias, em alguns casos obrigando-as a se separar. Mais de um século de ocupação europeia contribuiu muito para a extinção de culturas e tradições de uma geração inteira de africanos.

O pior foi a perda dos laços fundamentais com o modo de vida ancestral. Hoje, há uma lacuna irreparável entre os africanos e os antepassados pré-coloniais.

Tive a sorte de receber de meus ascendentes o dom de contar histórias. Eles desejavam que eu aprendesse com elas e as transmitisse para as gerações seguintes.

É um privilégio poder explicar às pessoas a origem e o valor dessa tradição, de que maneira as histórias têm fun-

---

<sup>2</sup> Desde a Antiguidade diferentes povos entraram em contato com as sociedades africanas. A partir do século XV, época dos descobrimentos, nações como Portugal, Holanda e Inglaterra construíram fortes e feitorias ao longo da costa da África, tendo em vista as transações comerciais estabelecidas com o continente. Só em meados do século XIX, porém, essas nações, assim como a Alemanha e a Itália, fundaram suas colônias por lá. No caso dos franceses, a ocupação começou no século XVII, com a construção do forte de Saint Louis no atual Senegal. No século XIX, conquistaram parte do Marrocos, da Argélia e da Tunísia e, em 1880, fundaram o Sudão francês (atual Mali), estendendo seu domínio para outras terras africanas, que passaram a compor a África Ocidental Francesa.

cionado como um instrumento educativo, e não apenas uma forma de entretenimento. Essa importante fonte de saber está se evaporando pouco a pouco em várias de nossas culturas. Com as narrativas que ouvi de meus antepassados, passei a entender um pouco o modo como nossos ancestrais viviam antes da colonização: respeitando os outros e vivendo em harmonia com a natureza.

Os contadores de histórias do Mali costumam dizer: “Não importa quanto o passado pode parecer enevoado, um futuro iluminado vai nascer dele”.

Se você souber de onde veio, saberá para onde está indo.

## Kassaro



MEUS PAIS queriam que meus irmãos e eu soubéssemos de onde viemos e tivéssemos a oportunidade de conhecer toda a nossa família. Na época, eu não entendia muito bem por que me mandaram passar tantos anos na terra natal de meu pai. A vida na aldeia de Kassaro, porém, acabou sendo uma experiência incrível.

Naquele tempo, havia menos de cinco mil pessoas na comunidade. Como as outras famílias, a minha se dedicava ao cultivo e à criação de gado. Hectares de terra cercavam o *compound*: um grande terreno com casas de adobe redondas e quadradas dispostas lado a lado e voltadas para o centro, formando um espaço circular. Ele abrigava nosso clã familiar, incluindo pais, mães, tios, tias, avôs, avós, primos, primas, irmãos e irmãs.

Era um ótimo lugar para as crianças crescerem e aprenderem a importância do respeito, especialmente pelos antepassados. Ninguém era deixado de fora; todos tinham de respeitar até mesmo quem fosse um ano mais velho. As crianças, então, percorriam o *compound* todos os dias, pela manhã e no final da tarde, cumprimentando os parentes de mais idade, de porta em porta. Ao mesmo tempo, eram observadas pelos mais velhos e cuidadas por eles.

O centro do *compound* era palco de atividades diárias, como cozinhar, lavar roupas, trançar os cabelos e dar banho





nas crianças. Também era o ponto de encontro para contar e ouvir histórias, fazer reuniões, resolver problemas e entreter os hóspedes. Exigia-se que todos estivessem presentes na hora das refeições. Nenhuma providência especial era tomada para quem perdesse uma delas.

Nesses momentos, divididos em grupos, nos reuníamos em volta de grandes travessas comunitárias. As crianças eram estimuladas a mostrar respeito pelos alimentos, não conversando enquanto comiam, manifestando gratidão pelos grãos que nos nutriam. Às vezes ficava tão apinhado de gente que tínhamos de nos sentar ombro a ombro em círculos concêntricos, os adultos atrás das crianças. Esse era o objetivo: deixar todos próximos para experimentar intimidade, aceitação, harmonia e tolerância. Com esses valores, esperava-se que os mais jovens crescessem com bom caráter. O mundo exterior veria que as crianças da família Diakité eram bem-educadas.

– É preciso ter boa aparência por dentro antes de tê-la por fora – diziam-nos os mais velhos.

Nosso *compound*, do tamanho de um quarteirão, ficava no meio de uma grande área chamada *so-foro*, as terras da família, rodeada por belas e altas acácias, cactos, bambus e palmeiras. Pequenos baobás, figueiras selvagens, *karités*, árvores *bumbun* e *nééré*, moitas do arbusto *mugu bagani* e várias espécies de mangueira se espalhavam pela propriedade. Todas eram nativas, menos as mangueiras, plantadas por parentes que ajudaram a limpar o terreno. Cada uma delas tinha o nome da pessoa que a cultivou.

Além das mangueiras frondosas, vovó Sabou plantara muitos outros arbustos e ervas. Ela era herborista e tinha

grande conhecimento das frutas, folhas, cascas, sementes e raízes que serviam de remédio para diversas doenças. Por exemplo, a lima e o limão davam um bom chá contra resfriado e ajudavam na limpeza do organismo. As folhas da goiabeira eram úteis contra diabetes. O mamão e o manjeirão resolviam problemas estomacais e malária. Os brotos jovens da mangueira ajudavam a tratar tosses, assim como a manteiga de *karité*, que também servia para combater a congestão peitoral. Vovó sabia, ainda, as qualidades curativas de várias outras plantinhas locais, desconhecidas em outras regiões.

Vovô Samba não entendia muito de cura com ervas, mas era ótimo mestre-coza e excelente jardineiro. Amava a natureza. Tinha a própria plantação de mangueiras, chamada Mangoroforo, cerca de um quilômetro e meio a nordeste do *compound*, perto de um charco onde tecelões, papagaios e outras aves faziam seus ninhos. A plantação nunca ficava sem água, por isso suas árvores cresciam altas e verdejantes.

Ele também cultivava um pequeno canteiro de amendoins em torno do bosque de mangueiras. Com isso, podia ficar mais tempo observando os pássaros, que considerava seus amigos. Passava a maior parte do dia admirando as aves alimentarem-se das amoreiras silvestres.

As pessoas frequentemente diziam:

– Samba, é melhor vigiar mais de perto essas mangas antes que os bichos do mato devorem todas elas.

Vovô respondia:

– Vou fazer o que posso, mas todos nós temos de comer de alguma forma.



Quando chegava a hora de colher as mangas e os amendoins, porém, a área se tornava uma grande atração para os bichos do mato e, como previsto, os frutos eram quase todos devorados por aves, morcegos, ratos do campo e esquilos.

Vovó acabou se cansando daquele jogo.

– Sua teimosia nunca vai recompensar o que é melhor para sua família! – gritava ela, com raiva.

No entanto, vovô respondia delicadamente, como sempre:

– Entendi tudo o que você disse, Sabou, mas todas as criaturas precisam comer em algum lugar!